

Vinicius Lummertz*

O turismo precisa de mandato político

O turismo vive sua maior década de transformações. As viagens internacionais, que em 1970 somavam cerca de 300 milhões, ultrapassaram 1,5 bilhão em 2019 e devem dobrar até 2030. Segundo o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTTC), em 2034 o setor movimentará US\$ 16 trilhões, ou 11,4% do PIB global, e gerará 449 milhões de empregos.

O crescimento não será uniforme. A Ásia-Pacífico liderará a expansão, com investimentos maciços em conectividade e infraestrutura. O Oriente Médio será o segundo grande motor, com Arábia Saudita e Emirados Árabes destinando centenas de bilhões de dólares a urbanismo, resorts, museus e obras icônicas. Europa e América do Norte, mais maduros, avançarão em ritmo moderado, pressionados por custos e limites de capacidade, abrindo portas para novos destinos.

No Brasil, o turismo movimentava cerca de US\$ 119,4 bilhões, apenas 1,6% do total global. Somos responsáveis por 1,8% do turismo de lazer mundial e 0,9% do corporativo. 94% da receita vem do turismo doméstico, sinal de força interna, mas também de fragilidade estrutural na atração de visitantes internacionais. O WTTTC projeta que, mantida a atual trajetória, o turismo de lazer crescerá apenas 13,5% até 2034, contra 45% no mundo. No turismo de negócios, avançaremos 45%, ante 76,5% no cenário global.

Não é falta de vocação. O Brasil figura como o país com recursos naturais mais altos e entre os dez maiores em recursos culturais, segundo o Fórum Econômico Mundial. Lá fora, o consenso é de que deveríamos estar entre os cinco maiores destinos globais. Aqui, porém, enfrentamos outro problema: infraestrutura deficiente, ambiente de negócios instável e segurança jurídica entre as dez piores do mundo. É caro, difícil e arriscado investir em turismo no Brasil. Sem confiança, investidores buscam outros destinos.

O turismo, no entanto, é um dos maiores geradores de empregos do mundo. Com novas tecnologias, tornou-se mais eficiente, rápido e inclusivo, abrindo espaço sobretudo para micro e pequenas empresas. A trajetória da aviação comercial comprova essa democratização. Na década de 1970, um trabalhador médio americano precisava dedicar 140 horas de trabalho para comprar uma passagem en-

tre Nova York e Londres. Hoje, esse mesmo bilhete pode ser adquirido com apenas 14 horas de trabalho, fruto da redução dos custos e do ganho de produtividade. Para os saudosistas da Pan Am e da Varig, vale lembrar que uma passagem em classe econômica, do Rio para Londres, não custaria, hoje, menos de 30 ou 40 mil reais. É por isso que, na guerra mundial por empregos, o turismo está no centro das estratégias da China, do Oriente Médio, da Ásia, da Europa, dos Estados Unidos e, na América Latina, do México.

O Brasil precisa entender esse fenômeno e construir um plano para entrar nesse jogo pesado, como fez com o agronegócio. Em ambos os campos temos vantagens comparativas, mas apenas um se integrou às cadeias internacionais. O turismo interno e o regional devem ser alavancas para ampliar o internacional, mas será a combinação de natureza e cultura o nosso diferencial competitivo. Temos condições de ser o país dos parques para o planeta. Ainda assim, enquanto a China, que é comunista, constrói parques naturais e temáticos com licenciamentos ágeis, seguimos paralisados por disputas ideológicas que travam o aproveitamento sustentável da maior riqueza natural do mundo. A China segue comunista, mas não esquerdista: sabe que turismo é desenvolvimento, e o turismo de natureza amplia o “soft power”.

O atraso é evidente também no entretenimento. Enquanto países investem em resorts integrados com cassinos, motores de eventos e congressos, o Brasil mantém a proibição, enquanto se expande o escândalo das bets digitais. Perdemos receitas, empregos e visitantes internacionais para a hesitação regulatória.

Apesar disso, o turismo brasileiro é bem representado por entidades e associações que, durante a pandemia, foram vitais para a criação do PERSE (Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos), que preservou empresas e empregos. Mas a recente reforma tributária trouxe o risco de encarecer o setor. É falta unidade: o turismo é composto por dezenas de segmentos bem representados, mas não sob uma agenda global. Sem uma representação unificada, a capacidade de influenciar a agenda política é limitada. O setor não tem lugar proporcional ao seu tamanho na mesa de decisões.

O Brasil já sabe o que precisa fazer: um plano de conectividade aérea que aumente rotas e crie hubs regionais; concessões e PPPs em parques, marinas e aeroportos; reforma tributária sensível ao turismo, garantindo justiça fiscal e crédito; promoção internacional estruturada, com calendário de grandes eventos; estímulo ao turismo de alto padrão; integração da economia do visitante com gastronomia, economia criativa e tecnologia; e formação rápida de capital humano.

O turismo atrai investidores e pode transformar milhares de municípios em polos de desenvolvimento, com empregos e novas oportunidades. Mas, para isso, precisa ser tratado como decisão política. Hoje, o tema raramente aparece em campanhas presidenciais ou de governadores. Só em cidades turísticas consolidadas ganha espaço. Sem pressão da sociedade, o setor continuará sem mandato político.

Se quisermos transformar vocação em prosperidade, o turismo deve estar no centro da agenda eleitoral e das políticas públicas. Nossos economistas são macroeconomistas, e isso se justifica pelos problemas crônicos nacionais. Mas a microeconomia, que gera empregos no cotidiano, segue negligenciada. Nossa imprensa não trata o turismo como dimensão econômica e política. Os orçamentos do setor são frágeis, e o conhecimento produzido é escasso. Avançamos muito, mas sempre morro acima, sem a tomada de consciência que permitiria planejar em plano reto. Assim, perdemos tempo, empregos, renda e deixamos de erguer oportunidades e prosperidade social.

Temos tudo. Temos o que a maioria dos países não tem em grande escala: natureza, cultura e hospitalidade para desenvolvermos uma economia do turismo muito forte. Falta apenas a decisão política proporcional. Falta o mandato político, e esse mandato político deve ser puxado pelas bancadas do Norte e do Nordeste do país, majoritárias no Senado e também influentes na Câmara Federal. O modelo de desenvolvimento dessas regiões não precisa mais emular o Sudeste. Seus caminhos próprios, ao liderar uma política nacional de turismo, serão os caminhos seguidos por todo o Brasil.

***Cientista Político, foi Ministro do Turismo e Presidente da Embratur.**

EDITORIAL

Setembro Amarelo, o mês da fala

Chegou o mês da primavera, das flores e do início do calor. Mas setembro não tem apenas essa marca como reluzente. Ele também nos revela uma das campanhas de alto valor para a população, só que pouco difundida para muitos. O Setembro Amarelo não tem a ver apenas com o sol e o girassol, e sim com um silêncio que afinge a muitos e que pode levar até a morte. Setembro é o mês do combate ao suicídio.

Um tema bastante espinhoso e cruel, mas que deve ser levando em conta, principalmente após um período de pandemia e deste boom de redes sociais, onde as pessoas cada vez mais ficam em seus mundos e não falam o que devem, não expressam seus sentimentos e se deixam por levar os pensamentos infelizes e desertos, daqueles aos quais pensa ser incapaz e que tudo está ruim em sua volta, fazendo com que a morte venha a ser a melhor solução para curar as feridas.

Setembro Amarelo faz o alerta para aquela doença silenciosa, mental e que assusta a todos: a depressão. Ficar mal psicologicamente não apenas afeta seu desempenho físico, como também pode atrapalhar seu trabalho, sua convivência com amigos e até mesmo ficar longe da familiares, fazendo com que o acalando do quarto, do lar ou mesmo da própria cama seja melhor do que enfrentar a

labuta do dia.

Cuidar da mente não é algo fácil, requer bastante cuidado. Mesmo com ajuda de profissionais qualificados, o principal precisa vir de dentro, da própria pessoa, a vontade de querer mudar e voltar a ser feliz novamente.

Claro que voltando a fazer atividades físicas, melhorando a alimentação e procurando se afastar de pessoas que não estejam lhe fazendo bem pode colaborar, mas nada pode ser mais importante do que ter e querer ter a atitude de mudar o pensamento, de enfrentar os medos e desafios, de encarar os fatos e a realidade, percebendo que a vida não pode ser tirada em vão por uma sensação ruim.

A cor da vida não pode melhor explorada do que o amarelo do sol e da vitamina D. Saborear a manhã não é apenas um passo para a liberdade de fazer o dia render melhor, como também a possibilidade de colher novos frutos e encarar os desafios de uma forma completamente diferente.

Que mais conversas possam produzir novas ideias, que mais amizades possam fazer novos mundos, que tudo possa por-duzir novos pensamentos e novas atitudes. Afinal, o Setembro Amarelo não é apenas o combate ao suicídio, mas um alerta para as preocupações vitais da natureza humana, como diálogo, sentimentos e compaixão.

O verde de Brasília

No Dia Mundial do Meio Ambiente, nada melhor que lembrar do grande verde que Brasília tem. Desde seus parques e áreas arborizadas até a mistura das plantas e do cerrado com as construções monumentais, a cidade respira o ar puro de uma mistura entre o verde e o cinza.

Caminhar em Brasília não é apenas uma forma de relaxar a mente, como também saudar a natureza. Mesmo com o clima seco do inverno e o sol quente, nada como fazer um piquenique no Parque Sarah Kubitschek ou mesmo correr e caminhar pela longa área de ciclovia. Em clipa de COP-30, não se pode esquecer de como o Brasil, com suas verdes mates, climas variados e serras e montanhas diversas, lembrar de como

o meio ambiente é importante para a nossa sobrevivência.

Desde a preservação de parques e árvores para nos proteger do sol e dar o oxigênio para a nossa sobrevivência por meio da fotossíntese, até a arbitrariedade de fazer a natureza exuberante de nosso país sobreviver em meio ao caos de crescimento urbano desenfreado em algumas regiões.

A mistura de verde com cinza pode ser benéfica e bem feita, como em Brasília pode ser visto. Não mesmo um espelho para outras cidades, mas uma forma de crescimento justo e complexo, fazendo com que a natureza fique em torno e dentro da cidade, de uma forma que não atrapalhe o dia a dia da população e os animais nativos de sua geração.

Opinião do leitor

Julgamento

Passada a fase de argumentos, chegou a hora dos votos. Vamos ver como os ministros vão fazer a defesa da tentativa de golpe de Estado e de como se comportarão na hora de dar as penas para os supostos acusados

*Ricardo Kenji Fukushima
São Paulo - São Paulo*

Tales Faria

Ministros podem sair e, ao mesmo tempo, ficar no governo

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse aos ministros Celso Sabino (Turismo) e André Fufuca (Esporte) que não pretende inviabilizar a permanência deles nos seus partidos atuais. Sabino é filiado ao União Brasil e Fufuca, ao PP.

Durante almoço nesta quarta-feira, 3, no Palácio da Alvorada, Lula deixou a critério dos dois ministros a decisão se sairão ou se ficam no governo. Deu, inclusive, a opção de manterem seus indicados em cargos de confiança ou escolherem novos nomes.

Ou seja, os ministros da frente partidária União-PP poderão sair , mas, ao mesmo tempo, permanecer no governo. É uma nova modalidade, digamos assim, de relacionamento com a base de apoio governista no Congresso.

Os ministros, por sua vez, deixaram a impressão de que permanecerão nos seus cargos. Apesar de Lula ter dito entender que o Fufuca e Sabino serão submetidos a teste por seus partidos . Por isso, para evitar constrangimentos, é que deixou a cargo dos dois decidirem se saem ou se ficam.

A frente PP-União Brasil já anunciou, na terça-feira, 2, que espera a demissão dos ministros em um prazo de 30 dias.

A informação que chegou ao Palácio do

Planalto é de que o comando da federação partidária também decidiu, além da nota, fazer um esforço concentrado junto a suas bancadas no Congresso para que votem os projetos massivamente contra o governo.

Uma rejeição massiva aos projetos do governo no plenário poderá servir como demonstração de que os ministros são fracos, não têm votos a oferecer. A estratégia é fazer com que isso se torne um grande constrangimento para Fufuca e Sabino.

O Palácio do Planalto, no entanto, tem dito que não avaliará esses dois ministros pelos votos que possam trazer no Congresso. A importância de ambos é o apoio eleitoral em 2026. Tanto na eleição presidencial, como para o Senado.

A eleição de senadores depende muito não só dos próprios candidatos como também de seus cabos eleitorais, que são os candidatos a deputados e os demais políticos locais, como prefeitos e vereadores.

A prioridade absoluta para Lula, além de sua própria reeleição, é impedir que a oposição eleja uma bancada majoritária de senadores. Os bolsonaristas têm dito que trabalham para a oposição sair da eleição do ano que vem com maioria de 41 votos no Senado.

na própria maneira de entender as prioridades que possam elevar o nível de vida da população nos serviços básicos – segurança, educação e saúde –, como também no aperfeiçoamento da mão de obra que nos retire da constrangedora posição de país de pouca produtividade e baixa remuneração de sua massa trabalhadora. Não se pode pagar mais a quem produz menos. O entrave no Brasil vem de muitos impostos e baixo preparo da mão de obra.

O Rio precisa atrair a nova economia para gerar emprego e renda, ser a sede, de fato, das empresas que atuam no continente pela qualidade de vida e pela atração da economia moderna da Inteligência Artificial, da tecnologia de ponta, na pesquisa para a qual

já possui entidades do porte da Fundação Oswaldo Cruz, da Getúlio Vargas, da Comissão Nacional de Energia Nuclear, dos museus de referência, entidades acadêmicas como a de Letras, de Medicina, do Pen Club , da Escola Naval, Superior de Guerra, do Militar de Engenharia. Algumas empresas já possuem centros de pesquisas na cidade, além do setor de energia elétrica e do petróleo.

Na Medicina, a recuperação em poucos anos pelo setor privado já nos devolveu a posição semelhante aos novos polos de qualidade, como Porto Alegre e Belo Horizonte, próximos da excelência de São Paulo.

Para isso, é necessária a renovação de quadros, de mentalidade, de práticas. Sem rupturas, mas com coragem e vontade de todos.

Aristóteles Drummond

Renovação no Rio

A provável eleição de Eduardo Paes para o governo do Rio de Janeiro colocará no comando da Cidade Maravilhosa o vice-prefeito, Eduardo Cavaliere, que mostrou no exercício de mandatos no legislativo representar uma saudável revelação da nova geração. Aliás, o prefeito do Rio tem um bom histórico na escolha de jovens preparados e bem testados em funções no executivo municipal.

Nada mais natural que a crise de credibilidade por que passa a classe política no Brasil venha a proporcionar uma salutar e oportuna troca de gerações na vida pública, que, mesmo que plural sob o ponto de vista ideológico ou partidário, trará a modernidade não apenas na gestão pública, mas